

Soeiro P. Gomes e Saramago *Esteirose o realismo*



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

Nos 80 anos da publicação de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, duas editoras (a Quetzal, edição de capa dura, com um ótimo enquadramento de Francisco José Viegas, reproduzido no JL de 24 de março passado, e a Húmus, edição com o livro cosido e folhas não aparadas, obrigando o leitor a fazer o antigo gesto de as abrir com um corta-papel) reeditaram este romance hoje mítico por ter iniciado, em conjunto com *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, e *Rosa dos Ventos* (1940), de Manuel da Fonseca, uma

das mais importantes correntes do romance português do século XX: o neorealismo ou, desviando a literatura para a política, o realismo socialista.

Com efeito, *Esteiros* pode ser considerado um dos mais perfeitos romances desta corrente. Quando saiu a público, tinham sido recentemente encerradas as portas da Grande Exposição do Mundo Português, a fantástica encenação da grandiosidade do Império, e *Esteiros* constituiu um violento murro no estômago do regime do Estado Novo. Era o Portugal autêntico, real, às portas da capital do Império, em Alhandra (o topónimo não é citado no romance): a exploração desenfreada do trabalho infantil, uma comunidade analfabeta, descalça, famélica, de vidas sem futu-

Romance de natureza simultaneamente social e interventiva, demonstrativa da exploração económica a todos os níveis, com linguagem popular, envolvida num manto lírico, perfeição sintática e sobriedade na adjetivação

ro. A natureza simultaneamente social e interventiva do romance, demonstrativa da exploração económica a todos os níveis, a linguagem popular, envolvida num manto lírico, a perfeição sintática, a sobriedade na adjetivação e adverbiação, sem um registo propagandístico, apenas o de dar a ver a realidade de um conjunto de crianças, acentuando tanto a sua miséria quanto os seus sonhos infantis, que não passavam de desejos a todas comuns: trabalhar na fábrica têxtil, ter pão sobre a mesa, ter um pequeno barco de pesca, ir à escola, ter um médico que salvasse a família de doenças..., ao fim e ao cabo “coisas banais” (p. 30), mas então longe do alcance popular.

Esteiros constitui-se, assim, uma metonímia do estado de Portugal nas décadas de 30 e 40 do passado século, em plena reorganização industrial pós-I República, de onde emergem os monopólios económicos (a “Fábrica Grande”) que irão esmagar o pequeno industrial (o falido Zé Vicente, dono do telhal onde trabalham as crianças) e transformarão as margens piscatórias do Tejo até Vila Franca de Xira em zona industrial. O terreno do telhal do endividado Zé Vicente é vendido pelo proprietário Castro aos donos da fábrica.

E as crianças, o Sagui, sem pais, vagabundo, dormindo por aqui e por ali, o Malessa, que morrerá numa inundação do campo, o Gineto, o herói rebelde, corajoso, que salva o pai aquando do naufrágio do barco deste e que encabeça o grupo nos assaltos ao pomar do Sr. Castro, o Maquinetas, que sonhava ir trabalhar para a fábrica, e o Gaitinhas, que só queria ter umas botas para ir à escola, filho de

Miguel-Manso Ensinar o caminho à poesia



PALAVRA DE POESIA
António Carlos Cortez

❗ Miguel-Manso (MM) publicou 12 livros desde 2008 e a sua chegada teve o condão de agitar as águas da nossa atualidade poética porque, como a crítica observou, a sua voz trazia uma fala nova, um universo de referências, um modo de reposicionar as questões do literário incomuns em muitos que se revelaram na segunda década deste século: a figuração do sujeito, o trabalho oficinal, a cadência do verso, a descrição de geografias íntimas e outras geografias, a dicção feita olhar que se debruça sobre um banal toldado por certa magia, ou sortilégio.

O autor de *Contra a manhã burra* (2008) engendrou um programa de poesia que passou, inclusivamente, por projetar cadernos que funcionaríamos como quadros onde uma sequência filmica feita poesia se daria a ver. Ao reunir a sua

poesia, publicada e inédita, num volume, *Estojo*, que joga com a anterior recolha, *Tojo*, MM como que reitera uma ideia muito sua do que pode a poesia contra a realidade dos factos. Ou contra a realidade dos atos.

Se pudéssemos sintetizar os modos de produção desta linguagem, diríamos que parte de casos do quotidiano e, num coloquialismo que o irmana com Assis Pacheco, com O’Neill ou com certo Biedma, faz do poema um trabalho constante sobre as falas, os dizeres desses com quem a personagem “poeta” se vai cruzando. Num poema do seu primeiro livro há uma definição que é especialmente produtiva: ao dramatizar uma dada cena (a visita às galerias de uma gruta, em Ponteferrada), o sujeito lembra os mineiros presos em Atacama. Ouve-se uma voz: “estu-



Miguel-Manso

ve con Dios y estuve con el Diabo. Me agarré de la mejor mano” e pediram para ser tratados como trabalhadores/ não como artistas// não peço para mim outra coisa”.

Aquele que escreve não pede para si outra coisa: agarrar-se à melhor mão, seja ela a de Deus ou a do Diabo, para escrever a poesia,

mina “obscura e insondável” onde se poderá acender o granito das estrelas, como lembra Carlos de Oliveira. Não é de somenos convocar aqui o neorealista, pois, na verdade, a poética de MM alguma coisa deve à ideia de poesia como discurso comprometido, ou empenhado em fazer a descrição

e a denúncia da História. Miguel-Manso, porém, se pode – em poemas-*flash*, rápidos (“podia falar dos tomates do areal e do rio largos do renque/ decrépito das casas em palafitas mas o que me ocorre mostrar/ é a fotografia amarelada de dois amantes perto do fim”), de enorme poder de síntese, aspirar a que essa denúncia e descrição persigam “o silêncio de Rimbaud”, com essa declaração converte a descida à mina obscura e insondável da poesia em aventura de linguagem, que por isso mesmo se não alimenta de um qualquer neorealismo pós-moderno.

É trágica, e é cómica também, a sua obra. Nem por mero acaso há “turismo dramático” na sua estesia: “o camião da Zara já está parado em frente à loja, despeja/ caixotes com ligeireza, como ligeiro é o atributo do conteúdo:/ dobrados e pendurados para a insatisfação de varones, mulheres y niños/ que o renovar da manhã saberá trazer e trair, outra vez// não é bem a vaga noção de poesia, este plano cabisbaixo [...]// é antes a chuva que ameaçou tombar sobre o já ensopado ânimo/ destes quarteirões e nos empurra para debaixo do arco/ que abre sobre a praça” (p.62).

Poesia dúctil, o português de MM é, na poesia atual, um caso seríssimo de criatividade semântica, sintática. Há versos que valem um livro inteiro e o colocam num patamar altíssimo de realização